

Teorias, Escolas e Autores de Comunicação: reflexões a partir da construção de um dicionário para o campo¹

Ricardo Zagallo CAMARGO²

Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, São Paulo, SP

Pedro F. BENDASSOLLI³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal - RN

Rafael VALENTE⁴

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

Resumo

A partir da experiência de construção (em curso) de um dicionário analítico de Escolas, Teorias e Autores para o campo da comunicação são feitas reflexões sobre o estatuto do campo no Brasil, a elaboração de teorias e a pertinência de coletivos e Escolas de pensamento para os tempos atuais. Os referências teóricas abrangem textos de autores que sustentam a reflexão epistemológica e autores ligados à construção de dicionários (lexicografia e terminologia). Do ponto de vista metodológico, o trabalho se aproxima da noção de ensaio teórico, colhendo os elementos para discussão na forma de uma observação participante, nos termos de Haguette (1992), uma vez que os autores participam formalmente da equipe que desenvolve o projeto do Dicionário, iniciado em 2009 e com finalização prevista para 2013.

Palavras-chave

Teorias; Escolas; Autores; Dicionário; Campo da Comunicação no Brasil

Introdução

Este texto apresenta o processo de construção de um Dicionário crítico de Escolas, Autores e Teorias de Comunicação. Crítico no sentido de que não apenas descreva, compile e armazene termos e palavras-chave, mas que proponha uma reflexão consistente sobre os principais termos-conceitos da área, no sentido de uma árvore cognitiva de conceitos. A partir da exposição da trajetória de construção da obra e critérios utilizados para sua

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Diretor Executivo e pesquisador do Centro de Altos Estudos da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM. zagallo@espm.br

³ Doutor em Psicologia Social pela USP com estágio pós-doutoral na Université PARIS IX (Centre de Recherche Management & Organisation), e no Instituto de Psicologia da UNB. Professor Adjunto no Departamento de Psicologia da UFRN e no Programa de Pós-graduação em Psicologia da mesma instituição. pbendassolli@gmail.com

⁴ Graduado em Comunicação Social pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, habilitação Jornalismo. Atua como repórter de Esportes na Folha de S. Paulo e participa, como assistente editorial do projeto Dicionário. dicionario.espm@gmail.com

consecução (ainda em curso), são levantadas questões relativas ao campo da comunicação, na expectativa que as dificuldades, dúvidas e mudanças enfrentadas forneçam subsídios para reflexão.

A ideia de organizar o Dicionário surgiu da constatação, a partir de pesquisa realizada pela equipe coordenadora, sinteticamente descrita neste texto, de que o mercado editorial brasileiro, no campo da comunicação, carece de dicionários com um perfil crítico-analítico e compreensivo. Nesse sentido, a característica central deste dicionário seria propor um *mapa conceitual do campo da comunicação*, composto por Escolas, Teorias e Autores que mais decisivamente contribuíram para a construção do repertório de conhecimento disponível hoje no campo.

Do ponto de vista metodológico, o ponto de partida para as considerações teóricas se aproxima da concepção de observador participante, nos termos de Haguette (1992), uma vez que os autores do texto participam formalmente da equipe que coordena a construção do dicionário.

Vale lembrar, nesse sentido, que o projeto iniciou-se em 2009 e encontra-se em curso, na fase final da redação dos verbetes. Uma trajetória cujas motivações podem ser sintetizadas em citação de Armand Mattelart, que inicia artigo da professora Maria Immacolata V. de Lopes: “*Inscrever na ordem do dia a multidisciplinaridade. Não aquela das grandes construções prometêicas de uma nova Enciclopédia, mas aquela que provoca o encontro ao redor de um mesmo objeto de estudo de pesquisadores pertencendo a metodologias múltiplas*” (MATTELART apud LOPES, 2006)

O Dicionário e o campo da comunicação

A pertinência de uma obra que reunisse as principais Escolas, Autores e Teorias do campo apoia-se, primeiramente, na relevância da comunicação para o entendimento do mundo contemporâneo. Lopes (2006, p.22) aponta “a relação orgânica entre as ciências sociais e a comunicação na medida em que a sociedade moderna foi sendo cada vez mais plasmada nas formas da comunicação moderna”.

Outro aspecto que justifica o investimento na obra é modo como o campo da comunicação está estruturado em nosso país. Martino (2006) observa que há uma grande dispersão teórica das obras nesse domínio. Como consequência, mesmo livros que se propõem didáticos acabam fazendo recortes que dificultam a visão de conjunto de teorias e autores da comunicação.

Em outro texto o mesmo autor (Martino, 2008) observa, ao comparar o conteúdo de livros intitulados *Teoria da Comunicação* publicados por autores brasileiros entre 1998 e 2008, que há uma coincidência de apenas 23,25% a respeito dos modelos, teorias e autores considerados “teoria da comunicação”. Apenas o Funcionalismo (Harold Lasswell), a Escola de Frankfurt e Marshall McLuhan são citados como parte do campo da comunicação em 100% dos livros. Lembrando que esse consenso se refere a autores que não se identificavam como teóricos da comunicação. Um quadro que para Martino (2006) se deve a “falta de critérios explícitos que dêem respaldo objetivo e suporte operacional às seleções de teorias, problemas e mesmo de processos considerados comunicacionais”.

Braga (2007), por sua vez, aborda as inferências transversais que atravessam o conjunto de estudos de casos pesquisados na disciplina e colaboram para a própria constituição do Campo de Estudos em Comunicação. Levanta uma pergunta geral que também nos interessa e norteia o processo de construção do dicionário – *o que há, aí* [nos estudos e em nosso caso nas teorias], *de propriamente comunicacional?* Em artigo anterior (Braga, 2004, p.225), observa também que a “construção [da disciplina] parece demandar um *desentranhamento* do objeto de perspectivas outras, ao mesmo tempo (...) que não ‘deixe de fora’ aspectos do objeto que são fundamentais para [sua] *compreensão*”. Trata-se, portanto, de elencar conhecimentos mais amplos – constitutivos de um acervo de proposições teóricas “*no âmbito próprio à disciplina da Comunicação*”, âmbito que leva o autor a considerar a Comunicação uma disciplina indiciária, no sentido de não se basear na premissa de “tipicidade” ou de “representatividade”, mas sim na constatação da *possibilidade de existência* do fenômeno. Tornando possível pesquisar e teorizar sobre as condições sociais dessa possibilidade.

Lembramos ainda que o campo científico (Bourdieu, 1983 apud LOPES, 2006) é análogo ao acadêmico, envolvendo condições de produção (sistema de ciência) e reprodução (sistema de ensino) e tendo como pressuposto que uma posição científica é sempre uma posição política. Ou seja, mesmo que a definição do campo se refira às correntes teóricas e escolas como os elementos em jogo na composição do campo e não se detenha a uma descrição do elo social, aspectos que Martino (2006, p.36) distingue a partir do objeto - o conhecimento humano – consideramos que a seleção de teorias e autores tem duplo caráter (científico e político), orientados, nos termos de Bourdieu (apud LOPES, 2006) para conservação/sucessão ou subversão da ordem existente no campo. Esse aspecto

político é um dos pontos de reflexão suscitados pela construção do Dicionário que serão abordados adiante.

Referências conceituais para construção do Dicionário

Nesta seção apresentamos alguns conceitos fundamentais que nortearam a construção do Dicionário de Comunicação.

Giro lingüístico, conhecimento e campo científico

A definição do que constitui um Dicionário nos reenvia à própria história da filosofia da ciência. Em específico, a um movimento que, no final da década de 1950, ficou conhecido como o “giro lingüístico” (Rorty, 1992) – a partir de quando os antigos problemas metafísicos, conservados por séculos na filosofia, passavam a ser interpretados por vários filósofos, e logo mais pesquisadores dos mais variados campos das ciências humanas e sociais, como problemas de linguagem. De fato, foi provavelmente Wittgenstein (2005) quem levou mais adiante e da forma mais convincente os programas da agenda do movimento da virada lingüística. Essencialmente, aquele filósofo definiu uma determinada área científica como detentora de um determinado vocabulário, de um determinado “jogo de linguagem” que fazia com que seus membros não só se comunicassem entre si mas também desenvolvessem jargões, formas de pensamento e de ação compatíveis com os termos presentes nesse jogo. Mais recentemente, filósofos analíticos, sociólogos da ciência e mesmo alguns cientistas que refletiram sobre suas práticas levaram a extremos a perspectiva sobre a linguagem na conformação dos campos científicos. Dentre eles, o mais conhecido foi Thomas Khun (1970). Embora este autor tenha se celebrizado pelo conceito, controverso, de “paradigma”, ele também avançou na compreensão sobre o que é produzir conhecimento quando introduziu a ideia de “comunidade lingüística” para definir os diversos campos de produção do saber. Em suma, a linguagem novamente aparece como a matéria-prima da produção do saber, bem como as práticas sociais nas quais ela era produzida e reproduzida. Nesse contexto, podemos dizer que um Dicionário, como veremos a seguir, é um instrumento que, ao mesmo tempo, reflete e ajuda a organizar um determinado campo lingüístico, uma determinada comunidade de fala ou “paradigma”.

Fundamentos lingüísticos dos Dicionários

A lexicografia é o ramo científico encarregado de construir Dicionários gerais. Em contrapartida, é a terminologia, um braço daquela, a área responsável pela construção de Dicionários especializados. Para compreendermos essa distinção e avançarmos com a

explicação do sentido e da finalidade de um Dicionário dentro de um determinado campo lingüístico, devemos tocar nos aspectos fundamentais da terminologia.

E o primeiro destes aspectos fundamentais é, justamente, o conceito de linguagem e sua relação com a ciência. Em termos lexicográficos, a linguagem é composta por cinco níveis fundamentais, sendo eles: um nível fonológico (onde o *fonema* é a unidade tratada); outro morfológico (a unidade sendo o *morfema*); outro lexical (a unidade tratada é o *lexema*); o quarto é um nível sintático (a unidade analisada neste caso é a *sentença*); e, por último, em quinto, um nível discursivo (onde a unidade é o *texto*). A construção de Dicionários pode basear-se num ou noutro (ou em vários, em combinação) destes níveis lingüísticos, fato que determinará seu propósito e estrutura. A maior parte dos Dicionários especializados, como veremos a seguir, é baseada no nível discursivo ou textual.

Linguagem geral (GL) e linguagem especial (SL)

Para compreendermos melhor a distinção e as características de Dicionários gerais e especializados precisamos entender a distinção correspondente entre linguagem geral e linguagem específica – ou, como a denominam os lexicógrafos, *linguagens especiais* (ou linguagem para propósitos específicos – LSP, na sigla em inglês). Fala-se de linguagem especial ou especializada para se referir a um conjunto de subcódigos partilhados apenas por uma fração dos falantes. Um campo científico, nessa perspectiva, possuiria, ao mesmo tempo, um subconjunto de códigos próprios e particulares, outro subconjunto de códigos partilhados, interdisciplinarmente, com outros campos, mas igualmente herméticos à comunidade linguística em geral (por exemplo, a comunidade dos falantes de português), e um subconjunto partilhado com a linguagem em geral. Em síntese, Cabré (1999), Bowker (2003) e Marin e Vliet (2003), destacam, como características das linguagens especializadas (SL): o fato de elas dependerem de processos particulares de aprendizagem; de elas codificarem significados em determinados conceitos e termos que não são partilhados pelos falantes das linguagens gerais. A SL reflete a estrutura conceitual, a visão de mundo, as regras gerais dos jogos de linguagem, de um determinado campo.

Tipos de Dicionários

Nesta sessão gostaríamos de aproveitar para apresentarmos algumas diferenças importantes entre tipos de Dicionários especializados, brevemente descritos na seqüência, com suas respectivas ênfases estruturais, propósitos e público-alvo (Cabré; 1999; Bowker, 2003; Marin & Vliet, 2003; Sager, 1990; Landau, 2004)

Glossário- Este formato de Dicionário consiste de uma compilação de palavras mais freqüentemente utilizadas em um determinado campo, disciplina ou área, com um leque restrito de informações. Nem sempre um glossário reflete a lógica conceitual do campo.

Tesouro - Trata-se de um modelo de Dicionário organizado sistematicamente onde se apresentam palavras semântica ou morfológicamente semelhantes. Em geral, não são oferecidas definições para as palavras/entradas. Conforme destaca Landau (2004), tesouros são em geral Dicionários monumentais dedicados a compilar as palavras de uma língua.

Enciclopédia - Trata-se de um Dicionário onde os verbetes são sistematicamente descritos em termos de: história, doutrinas e práticas. São volumosas e contêm um leque muito abrangente de informações.

Modelos A-to-Z. - Esses formatos são comumente encontrados no mercado anglo-americano. Variando em tamanho e abrangência, destacam-se pela seleção de palavras mais freqüentes de um determinado campo. Assemelham-se muito ao modelo de “palavra-chave”, talvez mais adaptado à nossa realidade.

Palavras-chave ou modelos Key-words ou Dicionário de termos. - Semelhante ao formato anterior, baseia-se em uma compilação de termos que denotam os conceitos mais importantes de um determinado campo. Um exemplo deste formato é o livro de Raymond Williams, traduzido e publicado no Brasil, cujo título é, exatamente, “Palavras-chave”. Baseadas no extenso repertório de conhecimento do autor a obra é, a um só tempo, um organizador e um balizador de termos multidisciplinares. Sua estruturação, contudo, não necessariamente reflete a organização sistemática do campo.

Vocabulário - Trata-se de uma lista de palavras selecionadas e acompanhadas de breves definições. Assemelham-se aos formatos de palavras-chaves e aos esquemas A-to-Z.

Nomenclaturas - Conjunto de nomes arranjados sistematicamente, pertencentes todos a um claro sistema conceitual. Em geral (mas não necessariamente) não são acompanhados de definições – exemplo: nome de animais, bactérias, componentes químicos, siglas, organizações etc.

Dicionários especializados. - focam a estrutura conceitual de um determinado campo, valendo-se das linguagens especializadas ou particulares desse mesmo campo.

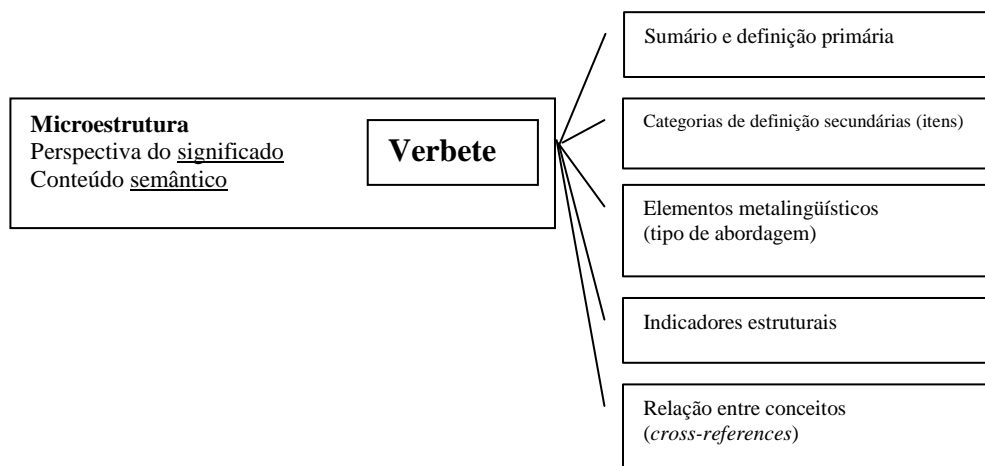
Arquitetura geral dos Dicionários

Na literatura lexicográfica e terminológica há consenso sobre duas grandes partes na arquitetura de um Dicionário especializado (Cabré; 1999; Bowker, 2003; Marin & Vliet,

2003; Sager, 1990): uma macroestrutura e uma microestrutura. Vejamos cada uma delas na seqüência, entendendo que essas definições orientam a construção do dicionário:

Macroestrutura - refere-se ao modo como os *lemas* (entradas, verbetes) são escolhidos e, depois organizados. Existem duas formas de organização: alfabética e sistemática/temática. Esta última, a organização sistemática, baseia-se em outra lógica que não a de simplesmente dispor as entradas dependendo de um arranjo alfabético. Usa-se, então, uma racionalidade *conceitual* de acordo com a qual os verbetes são classificados segundo a proximidade semântica que um possui em relação aos outros.

Microestrutura - refere-se à arquitetura das entradas. Em termos práticos, ela deve refletir os parâmetros gerais definidos na macroestrutura. Cabré (1999) desenvolve uma metodologia bastante detalhada sobre a construção de Dicionários e sobre seus aspectos microestruturais. A Figura abaixo, procura sintetizar as principais dimensões a serem consideradas quando da construção da microestrutura do Dicionário.



Dimensões-chave da microestrutura de um Dicionário SL

Inventário de dicionários existentes

Procedimentos de coleta e análise dos Dicionários

Para compor a amostra de Dicionários a serem analisados, adotamos os seguintes critérios: em primeiro lugar, tais Dicionários deveriam tratar diretamente do objeto do Dicionário, ou seja, Comunicação e outras áreas imediatamente relacionadas. Em segundo, selecionamos ainda Dicionários indiretamente relacionados a essas área-fim, mas que mantivessem alguma relação com elas – quer dizer, que fossem Dicionários das Ciências Humanas e Sociais (ou Ciências Sociais Aplicadas). Resultam então áreas como

Administração, Psicologia, Sociologia, Política, entre outras. Em terceiro lugar, tal amostra resulta obtida por conveniência, termo que, em estatística, refere-se a uma amostra não necessariamente representativa da população. Foram consultadas bibliotecas da USP, da ESPM, da FGV, do Mackenzie, bem como o acervo da Livraria Cultura, aquisição própria do Centro de Altos Estudos da ESPM e acesso a outras fontes de dados disponibilizadas na Internet. Esta seleção resultou em 52 Dicionários. Uma vez definido o *corpus* a ser analisado, os procedimentos envolveram análise geral do Dicionário, contagem do número de verbetes e de páginas, leituras das páginas referentes ao modo como o Dicionário foi concebido e organizado e uma amostra de verbete (um ou dois) para análise de microestrutura. O passo final foi realizar uma classificação desses Dicionários em função de características macro e microestruturais. Para tanto, utilizamos a base teórica apresentada.

Classificação dos Dicionários por grupos

Os 52 Dicionários de nossa amostra foram classificados em três grupos, considerando-se alguns aspectos centrais de macroestrutura e microestrutura.

Grupo I: Dicionário tipo glossário e tesouro - 10 Dicionários que se caracterizam por grande quantidade de verbetes relativamente ao seu número de páginas. Com isso, os verbetes possuem uma pequena massa de informações, sendo em geral de tipo descritivo.

Tabela 1 – Características macroestruturais dos Dicionários do Grupo I

Titulo	Número de verbetes	Número de páginas
Diccionario de economía y empresa	8.000	312
Dicionário de administração e finanças	4.500	532
Dicionário de comunicação	7.000	816
Dicionário executivo	7.200	514
Dicionário jurídico	13.000	882
Dicionário terminológico de economía, administración y finanzas	20.000	479
Dictionary of Media Literacy	35.000	248
NTC's american business terms	4.000	410
NTC'S Mass Media Dictionary	20.000	668
Thesaurus de l'Unesco	8.500	427
Média	9.220	529

Como se observa pela tabela acima, esses 10 Dicionários, juntos, apresentam pouco mais de 9 mil verbetes em uma média de 529 páginas. Isso significa que, nestes Dicionários, há uma média de 17 verbetes por página, número que implica em uma estrutura de glossário, com pouco volume de informação que não reflete a estrutura conceitual do campo a que se propõe inventariar.

Grupo II: Dicionários tipo palavras-chave, terminológicos, estilo A-to-Z - 34 Dicionários que formam grupo intermediário entre os Dicionários tipo-glossário do grupo anterior e os Dicionários marcadamente analíticos do grupo III. De fato, o leque de estilos é

bastante amplo neste grupo, embora tenhamos decidido os reunir num mesmo agregado tendo especialmente em vista aspectos de sua estruturação quantitativa.

Tabela 2 – Características macroestruturais dos Dicionários do Grupo II

Titulo	Número de verbetes	Número de páginas
Dicionário histórico-biográfico da propaganda brasileira	1.500	272
Diccionario de filosofia	2.500	1224
Diccionario inglés de publicidad y marketing	3.000	424
Dicionário básico de comunicação	220	459
Dicionário brasileiro de mídia	2.000	150
Dicionário crítico de comunicação	1.500	321
Dicionário de administração	1.500	358
Dicionário de administração de A a Z	300	212
Dicionário de Administração de Risco Financeiro	2.000	435
Dicionário de comércio exterior e câmbio	1.600	408
Dicionário de informática	1.500	805
Dicionário de marketing e propaganda	1.800	200
Dicionário de propaganda e jornalismo	1.500	344
Dicionário de sociologia	500	392
Dicionário de termos da qualidade	2.500	456
Dicionário de termos de marketing	2.500	456
Dicionário de termos de recursos humanos	1.500	160
Dicionário enciclopédico de administração	3.000	1456
Dicionário enciclopédico de marketing	3.000	336
Dicionário política	2.000	1318
Dicionário técnico da psicologia	2.000	336
Dicionário terminológico de economía, administración y finanzas	20.000	479
Dictionary of business	2.000	767
Dictionary of investing	1.500	384
Dictionary of Media and Communication Studies	1.500	368
Dictionary of media e communication	1.000	368
Dictionary of New Media	2.400	288
Dictionnaire des médias	2.500	320
Dictionnaire des politiques culturelles de la France depuis 1959	110	608
Longman business english dictionary	2.000	533
Novíssimo dicionário de economia	1.500	650
The dictionary of financial risk management.	1.500	307
The dictionary of international business terms	2.000	640
The practical Media Dictionary	2.000	208
Média	2.292	483

Como se observa na Tabela 2, em média estes 34 Dicionários reúnem 2.292 verbetes, em uma medida de 483 páginas. Isso significa que existem, também em média, 5 verbetes por página. Trata-se, em nosso modo de ver, de Dicionários pouco diferenciados, na medida em que sua linguagem microestrutural é descritiva, predominantemente, e também não garantem a estruturação semântica ou conceitual do campo, sendo, por essa razão, especialmente (mas não só) direcionados a leigos, iniciantes ou mesmo profissionais da área interessados em estabilizar o significado de algumas palavras mais empregadas.

Grupo III: Dicionários analíticos - Grupo composto por 8 Dicionários, apresenta, em geral, uma característica macroestrutural com poucos verbetes em relação ao número de páginas. Isso significa que são mais analíticos que os anteriores, querendo com isso dizer que estes Dicionários não só reúnem maior volume de conteúdo sobre os verbetes como também têm o cuidado de os comentar, quer criticamente, descritivamente, historicamente, quer do ponto de vista do contexto em que esses mesmos termos são concebidos e usados. Por essas e outras razões, estes são Dicionários que foram tomados como referência para a proposição do modelo de valor do Dicionário que estamos construindo. A tabela abaixo traz, como nos dois grupos anteriores, informações macroestruturais destes Dicionários.

Como dito, o ponto que logo chama a atenção nestes 8 Dicionários é o baixo número de verbetes – em média, 142 cada um. Esses verbetes são distribuídos numa média de 646 páginas, significando que há, também em média, 5 páginas dedicadas a cada um deles.

Tabela 3 – Características macroestruturais dos Dicionários do Grupo III

Titulo	Número de verbetes	Número de páginas
Dicionário crítico de política cultural	205	384
Dicionário crítico de sociologia	102	653
Dicionário de Trabalho e Tecnologia	97	358
Dicionário do pensamento marxista	200	468
Dictionnaire critique de la communication	100*	1.800
Key concepts in the philosophy of education	152	282
Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage	150	817
Palavras-Chave (Raymond Williams)	133	407
Média	142	646

Etapas da construção do Dicionário

A proposta de construção de um Dicionário de Comunicação foi retomada de forma sistemática no ano de 2009, após uma primeira tentativa realizada em 2007, cujo escopo se circunscrevia a comunicação mercadológica. A partir de pesquisa bibliográfica sobre a confecção de dicionário e de um inventário realizado com uma amostra de dicionários já existentes (2009) apresentado no tópico anterior, optou-se por elaborar um dicionário crítico no sentido de que não apenas descreva, compile e armazene termos e palavras-chave, mas que proponha uma reflexão consistente sobre os principais termos-conceitos da área, no sentido de uma árvore cognitiva de conceitos. Seguindo o mesmo raciocínio, passou-se a considerar a pertinência da elaboração prévia de uma obra que reunisse as principais Escolas, Autores e Teorias do campo, de forma a constituir um “mapa” que lastreasse a consecução futura de um dicionário de conceitos. Assim o projeto passou a prever dois produtos consecutivos, com o objetivo de criar uma estrutura compreensiva, articulada e paradigmática do campo: *Dicionário de Escolas, Autores e Teorias de Comunicação* (obra em curso e objeto desta comunicação) e *Dicionário de Conceitos de Comunicação*, com publicação prevista para 2015, que retoma o objetivo de apresentar uma reflexão consistente sobre os principais termos-conceitos da área, no sentido geral de uma árvore cognitiva, chegando, de forma consistente, até a esfera aplicada da comunicação mercadológica, objeto da primeira tentativa de elaborar um dicionário em 2007.

Após a fase de estruturação e fundamentação teórica e conceitual, o projeto passou pela etapa de definição da arquitetura, que envolveu a definição da macroestrutura e microestrutura.

A macroestrutura (mapa de Escolas, Autores e Teorias e definição de verbetes que constarão da obra) foi definida com a realização de cinco reuniões de trabalho em período integral, ao longo do ano de 2010, com a participação de pesquisadores renomados na área, a saber, os professores Adilson Citelli, Christa Berger, Maria Aparecida Baccega, Maria Immacolata V. De Lopes e Vera França, além da equipe coordenadora. Vale destacar que o grupo, para construção e validação do mapa que resultou em 65 verbetes de Escolas, Teorias e Autores, também trabalhou a distância (por meio de grupo na internet, comunicação telefônica e por e-mail), lapidando o mapa e as sugestões de verbetistas para cada entrada da obra.

A microestrutura foi definida com a elaboração de um manual de redação com a estrutura prevista para os verbetes envolvendo desde aspectos de forma (fonte, tamanhos, subtítulos, negrito, itálico etc.) como de conteúdo (detalhamento da microestrutura), comcomitante com a escolha dos respectivos redatores. Os convites aos verbetistas foram iniciados em abril de 2011 e o processo que envolve redação, parecer da equipe organizadora, possíveis ajustes e redação final, transcorre até o momento (junho/2012), com um total de 40 verbetes concluídos, 14 em fase de ajustes e 11 a receber. Sendo que a previsão de entrega para a editora é setembro de 2012, quando se inicia a etapa final do processo que é a modelagem formal do conteúdo, envolvendo uma publicação em papel e versão digital multiplataformas.

Estrutura dos verbetes

Verbetes de Escolas e Teorias. - são os mais amplos do dicionário (20 a 24 mil caracteres), pois precisam dar conta de contextualizar a origem, os principais momentos, os principais conceitos teóricos e metodológicos propostos, os principais autores e os desdobramentos, no tempo, da referida escola.

Verbetes de Autores. Estes são os verbetes mais específicos (10 a 12 mil caracteres), pois dizem respeito a pessoas cujas obras e ações deixaram (ou ainda promovem) contribuições expressivas para o campo da comunicação. Neste caso, o essencial é apresentar elementos biográficos relevantes para a compreensão da obra em questão, as principais influências recebidas, a inserção do autor em determinada escola ou sistema de pensamento, suas obras mais significativas (com uma descrição sucinta do objetivo e do impacto de cada uma), sua recepção por outros autores relevantes do campo, e seus seguidores ou pessoas a quem inspirou.

Questões levantadas no processo de construção do Dicionário

Fazemos teoria?

Lopes (2006, p. 23) lembra que os estudos da Comunicação foram marcados desde o início (anos 1920 e 1930), pelo paradigma de Lasswell, responsável por uma visão fragmentada que se mantém até os dias atuais (estudos do emissor, do canal, da mensagem e do receptor). Levanta, então, o problema epistemológico do resgate da totalidade e da integração do processo de comunicação. Pensando a partir das colocações da autora e do processo de construção do dicionário, questionamos se devemos ambicionar um resgate da totalidade ou uma pluralidade teórica que dê conta das complexas relações entre os elementos que foram fragmentados ou, se possível, permita superá-los, propondo novos arranjos e configurações a partir desses ou de novos elementos.

A questão da teoria e, mais especificamente, se autores brasileiros contemporâneos fazem teoria, perpassou as discussões do grupo que organizou a obra. As reflexões nos levaram a recuar na ideia de inserir brasileiros como verbetes e deslocar nossos autores contemporâneos para a posição de “implicações brasileiras”, dentro dos verbetes de Escolas, Teorias e Autores considerados fundamentais.

Retomamos aqui a reflexão para compartilhá-la com os possíveis leitores em busca de novas saídas. Com Munne (1993) entendemos que toda teoria é uma interpretação sistematizada de algum aspecto da realidade, assim como pode também enquadrar outras teorias (a realidade teórica). Esse autor apresenta um modelo concêntrico que vai da microteoria, mais apegada aos dados, com máximo detalhamento e mínima generalização; até as grandes teorias, situadas num outro extremo. Entre ambas, situam-se as teorias de médio alcance, que para Merton, correspondem à fase atual das ciências sociais.

Tal classificação nos leva a pensar para que servem as grandes teorias? Especialmente se temos a percepção de que os fenômenos são diferentes e exigem diferentes lentes para seu entendimento, somada ao fato de que uma teoria considerada “grande” origina-se de prova empírica restrita a público e momento histórico específicos. Talvez uma chave seja dada pela professora Lucrécia Ferrara (verbeta do Dicionário em elaboração) ao apresentar no verbete das teorias estruturalistas a um só tempo o fracasso de uma tentativa totalizante e a importância dessa tentativa para balizar novas formas de conhecimento. Algo que nos permite vislumbrar um interessante deslocamento dos grandes projetos teóricos totalizantes para grandes projetos que envolvam grupos plurais em teorias, mas unidos na compreensão ampliada de um objeto.

Com essa perspectiva em mente retomamos Munne (1993) para quem pluralismo teórico é a democratização da ciência, nos convidando a refletir sobre a validade e verdade das teorias. Um modo alternativo de teorizar, que obriga a conviver com a contradição epistemológica entre a não “abarcabilidade” dos objetos e o desejo de totalidade, uma vez que embora nenhum conhecimento seja capaz se abarcar a realidade, esta não deixa de ser total.

Não há mais Escolas? Nem invisíveis?

A impressão advinda da leitura e elaboração de pareceres para os verbetes do Dicionário é que, na atualidade as Escolas não têm o mesmo peso do que no período clássico. Impressão é reforçada pelo fato de que Teorias e os Autores contemporâneos não aparecerem agrupados por Escola. As Teorias parecem então, assumir independência, não recebendo influência e não guardando ligação com uma Escola. Já no período clássico as Escolas se configuram como ponto de partida para as Teorias. Casos como a Escola de Frankfurt, de Chicago, de Palo Alto (Escola Invisível), de Toronto, de Birmingham.

Na contemporaneidade parece não haver relação exclusiva com uma Escola, e sim com um conjunto de teorias e autores, além da influência do contexto histórico. Características que geraram verbetes como Redes Sociais, Comunicação e Linguagem (união de estudos de linguística) e, de uma forma mais abrangente, o Pensamento Latino-Americano de Comunicação, entre outros.

Arriscando um comentário precipitado, voltamos, diante da aparente inexistência de Escolas atuais (em que pesem os grupos de pesquisa e programas de pós-graduação), retomar a ideia de um deslocamento dos grandes projetos teóricos totalizantes para grandes projetos que envolvam grupos plurais em teorias, mas unidos na compreensão ampliada de um objeto. Não se trata, portanto, da evocação nostálgica das Escolas que desapareceram, mas da sugestão do conceito de escola como forma de articulação plural de lentes em torno de objetos comuns, favorecida pelo princípio de rede. Talvez na linha do que o relatório da *Comissão Gulbenkian para a reestruturação das ciências sociais*, presidida por Immanuel Wallerstein, menciona ao propor uma reestruturação das ciências sociais com base no estabelecimento, no interior das estruturas universitárias, de *programas integrados de investigação transversais* (WALLERSTEIN, 1991 apud LOPES, 2006).

Velha guarda x jovem guarda

A retomada de Escolas, Teorias e Autores considerados fundamentais e, especialmente, a escolha de verbetistas, em sua maioria, da “velha guarda” do campo comunicacional atua, a nosso ver, a favor da transformação e responde a insatisfação generalizada com o estado atual do campo e a urgência de repensar seus fundamentos e de reorientar o exercício de suas práticas, mencionada por Lopes (2006, p.19). Por motivos políticos e epistemológicos (que, como comentamos anteriormente, acompanhando o pensamento de Bourdieu, são indissociáveis).

Politicamente, voltando à proposta de campo de Bourdieu (1983 apud LOPES 2006) e a questão dos agentes dominantes (e seus discípulos) e manutenção da ordem científica, consideramos que a adesão à temática “da moda” ou o pertencimento a uma faixa etária que coloca o pesquisador em situação de familiaridade com as novas tecnologias não é indicativo claro de vigor teórico ou posição transformadora em relação ao campo. Disfarçada de “jovem guarda” a conduta dos pesquisadores pode ser de conservação de práticas e sucessão no poder sem mudanças substanciais. Daí a importância de escolher verbetistas que, independentemente da faixa etária, conseguem transitar entre o rigor e a flexibilidade (rigor metodológico para adentrar em âmbitos inauditos do conhecimento e flexibilidade para mudanças de rota como critério de subversão e transformação de práticas consagradas).

Epistemologicamente, as Escolas, Teorias e Autores selecionadas para a composição da obra são capazes de oferecer chaves interpretativas potentes para os fenômenos comunicacionais atuais. Isso não significa negar o impacto das novas tecnologias e o aumento do poder (?) do receptor. Significa evitar a amnésia de quem ao abordar, por exemplo, questões ligadas, ao pós-humano e a objetos como portadores de informações que se comunicam com as pessoas, esquecem que a cibernética já tratava dessas questões há muito tempo. Evitando, novamente com Bourdieu (1997) as ilusões do “nada de novo” e do “nunca antes visto”.

Não compartilhamos, portanto, do pensamento daqueles que consideram que a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt deva ser revogada, por uma suposta percepção de um receptor passivo, assim como achamos arriscado alçar as teorizações articuladas de forma original e visionária por McLuhan a categorias definidoras do futuro.

Resgatar McLuhan. Resgatar Frankfurt. Empreitadas teóricas de grupos de pensadores complexos que questionavam suas próprias propostas. Superados? Ou bases fortes para irmos

adiante? Preferimos a segunda opção. Lembrando, com Bakthin (2003, p.268) que os novos discursos (e teorias) dialogam e reverberam falas de outros, que a partir da posição de sujeito selecionamos e incorporamos à nossa. Uma crença que nos fortalece na empreitada do dicionário. Com autores, escolas, teorias e verbetistas que não perdem o vigor com o tempo.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BORDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BOWKER, L. Specialized lexicography and specialized dictionaries. In: P. van Sterkenburg (Ed.), **A practical guide to lexicography**. Philadelphia: John Benjamins, 2003, pp. 154-166.
- BRAGA, J.L. **Comunicação, disciplina indiciária**. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.
- _____. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação, **Contracampo**, vol 10/11, fascículo 2004/2, 2004.
- CABRÉ, M. T. **Terminology: theory, methods and applications**. Philadelphia: John Benjamins, 1999.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**, Petrópolis: Vozes, 1992
- KHUN, T. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- LANDAU, S. I. **Dictionaries: the art and craft of lexicography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LOPES, M.I.V. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. In: **Revista FAMECOS** • Porto Alegre • nº 30 • agosto 2006
- MARIN, W. & VLIET, H. van der. Design and production of terminological dictionaries. In: P. van Sterkenburg (Ed.), **A practical guide to lexicography**. Philadelphia: J. Benjamins, 2003, pp. 323-332.
- MARTINO, L. Abordagens e Representação do Campo Comunicacional. In: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, vol. 3, n.8, p.33-54, nov. 2006
- _____. A ilusão teórica no campo da comunicação. In: **Revista FAMECOS** • Porto Alegre • nº 36 • agosto de 2008
- MUNNE, Frederic **Pluralismo Teorico e Comportamiento Social**. In: **Psicothema**, , vol. 5, Suplemento, 199, p. 53-64.
- RORTY, R. **The linguistic turn**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- SAGER, J. C. **A practical course in terminology processing**. Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- WITTGESTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, (5ª edição), 2005